

Nº 1 na lista de mais vendidos do *The New York Times*



ORDEM DE BLOQUEIO

UMA HISTÓRIA REAL SOBRE CORRUPÇÃO
E ASSASSINATO NA RÚSSIA DE PUTIN



BILL BROWDER

ORDEM DE BLOQUEIO

Copyright © Hermitage Media Limited, 2022.

TÍTULO ORIGINAL

Freezing Order

PREPARAÇÃO

João Guilherme Rodrigues
Mariana Moura

REVISÃO

Juliana Souza

DIAGRAMAÇÃO

Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA

Craig Fraser

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

IMAGEM DE CAPA

Perfil: ©Mark Owen/Trevillion Images

Cenário: © Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B896o

Browder, Bill, 1964-

Ordem de bloqueio : uma história real sobre corrupção e assassinato na Rússia de Putin / Bill Browder ; tradução Alexandre Raposo , Cláudia Mello Belhassof , Paula Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

336 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Freezing order

ISBN 978-65-5560-422-1

1. Browder, Bill, 1964-. 2. Putin, Vladimir Vladimirovich, 1952-. 3. Capitalistas e financistas - Biografia - Estados Unidos. 3. Corrupção na política - Rússia (Federação). I. Raposo, Alexandre. II. Belhassof, Cláudia Mello. III. Diniz, Paula. IV. Título.

22-78029

CDD: 923.3

CDU: 929:330

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/6º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

A PRISÃO EM MADRI

PRIMAVERA, 2018

O frio estava atípico para um fim de primavera em Madri. Peguei um avião até lá para uma reunião com José Grinda, o maior procurador anticorrupção da Espanha. O meu objetivo era compartilhar provas de como o dinheiro sujo ligado ao assassinato do meu advogado russo, Sergei Magnitsky, fora usado para comprar propriedades de luxo na Costa del Sol, na Espanha. O encontro estava marcado para as onze horas da manhã seguinte, e na Espanha isso é considerado cedo.

Quando cheguei ao hotel naquela noite, o gerente correu até o balcão da recepção e empurrou o funcionário para o lado.

— Sr. Browder? — perguntou ele.

Confirmei.

— Bem-vindo ao Gran Hotel Inglés. Temos uma surpresa muito especial para o senhor!

Eu me hospedo em muitos hotéis. Os gerentes não costumam ter surpresas para mim.

— O que é? — perguntei.

— O senhor vai ver. Vou acompanhá-lo até seu quarto.

Ele falava um inglês cuidadoso.

— O senhor poderia me passar seu passaporte e seu cartão de crédito, por gentileza?

Eu os entreguei. Ele escaneou meu passaporte e inseriu no leitor o cartão de crédito — um American Express Black que recebera como upgrade havia pouco tempo. Com um gesto vagamente nipônico, ele me entregou a chave do quarto com as mãos em concha e saiu de trás do balcão. Estendendo o braço, disse:

— Por aqui, por favor. Depois do senhor.

O gerente me acompanhou de perto enquanto me dirigi ao elevador. Subimos até o último andar.

Quando as portas se abriram, ele se afastou para o lado, dando espaço para minha passagem. No corredor, porém, ele me ultrapassou e tomou a dianteira, parando em frente a uma porta branca. O gerente se enrolou um pouco com a chave mestra antes de abrir o quarto. Olhei para dentro. Fui promovido à suíte presidencial. Tinha certeza de que não era por mim, mas, sim, por causa daquele novo cartão. Sempre me perguntei o porquê do burburinho sobre essas coisas. Então eu entendi.

— Uau! — exclamei.

Atravessei o vestíbulo e entrei em uma sala de estar branca, decorada com móveis modernos de bom gosto. Em uma mesa baixa, havia queijos espanhóis, presunto ibérico e frutas. O gerente falou que era uma honra ter a mim como hóspede, embora eu duvidasse de que ele soubesse alguma coisa sobre mim além do cartão de crédito que eu carregava.

Ele me seguiu pela suíte, buscando minha aprovação. Havia uma sala de jantar com uma mesa repleta de doces, chocolates e champanhe no gelo; depois vinha a sala de leitura, com uma pequena biblioteca particular; depois um lounge com um bar com tampo de vidro; depois um pequeno escritório com iluminação suave; e, por fim, o quarto, que tinha uma banheira independente diante de uma janela alta.

Tive que segurar o riso. Claro que adorei o quarto — quem não adoraria? —, mas eu estava em Madri a negócios, para passar uma única noite. Seriam necessárias meia dúzia de pessoas para comer toda aquela comida. Além disso, se o gerente tivesse conhecimento do motivo da minha visita — conversar com autoridades policiais sobre o tipo de criminosos russos que costumam reservar suítes como aquela —, ele provavelmente não teria ficado tão entusiasmado. Mesmo assim, era melhor não ser grosseiro. Quando voltamos para o vestíbulo, fiz um sinal de aprovação.

— É muito bonito — falei. — Obrigado.

Assim que ele saiu, liguei para Elena, minha esposa, que estava em casa em Londres com nossos quatro filhos. Conteí a ela sobre o quarto, como era extravagante e absurdo, e falei que eu gostaria muito que ela estivesse comigo.

Depois da ligação, coloquei uma calça jeans e um suéter leve e saí para dar uma caminhada noturna pelas ruas de Madri, me preparando mentalmente para o encontro com José Grinda no dia seguinte. Mas acabei me perdendo nas ruas e praças labirínticas, e tive que chamar um táxi para me levar de volta ao hotel.

A manhã seguinte estava clara e ensolarada. Ao contrário do dia anterior, faria calor.

Por volta das 8h15, verifiquei meus documentos e cartões de visita antes de descer para tomar o café da manhã.

Parei de repente ao abrir a porta.

O gerente estava no corredor com a mão erguida para bater nela.

De cada lado dele havia um policial uniformizado. As identificações nas camisas azul-marinho engomadas diziam *Policía Nacional*.

— Desculpe, sr. Browder — disse o gerente, olhando para o chão. — Mas esses homens precisam checar sua identidade.

Entreguei meu passaporte britânico ao maior dos dois policiais impassíveis. Ele o analisou e comparou com um papel que estava na outra mão. Então falou com o gerente em espanhol, que eu não entendo.

O gerente traduziu.

— Sinto muito, sr. Browder, mas o senhor precisa acompanhar esses homens.

— Por quê? — perguntei, olhando para trás do gerente.

Ele se virou para o policial maior e retrucou alguma coisa em espanhol.

O policial, olhando diretamente para mim, declarou:

— Interpol. Rússia.

Merda.

Os russos tentavam me prender há anos, e enfim estava acontecendo.

Você percebe coisas estranhas quando a adrenalina bate. Reparei que havia uma luz apagada no fim do corredor e uma pequena mancha na lapela do gerente. Também notei que o gerente parecia mais preocupado do que arrependido. Dava para ver que não era por mim. O que o preocupava era que a suíte presidencial ficaria indisponível enquanto meus pertences estivessem ali. Ele queria tirar minhas coisas dali o mais rápido possível.

Ele falou rapidamente com os policiais e depois disse:

— Os cavalheiros vão dar um tempinho para o senhor fazer as malas.

Atravessei os cômodos correndo até o quarto, deixando os policiais à espera na entrada. De repente, percebi que estava sozinho e tinha uma oportunidade. Se antes eu achava que o upgrade de quarto era algo supérfluo, agora eu passara a achar uma dádiva de Deus.

Liguei para Elena. Ela não atendeu.

Liguei em seguida para Ruperto, meu advogado espanhol que tinha marcado a reunião com o procurador Grinda. Também não atendeu.

Enquanto me apressava para fazer as malas, me lembrei de uma coisa que Elena me disse depois que fui detido no aeroporto de Genebra em fevereiro: “Se acontecer algo assim de novo e você não conseguir falar com ninguém, poste no Twitter.” Eu havia começado a usar o Twitter alguns anos antes e tinha cerca de 135 mil seguidores, muitos deles jornalistas, funcionários do governo e políticos do mundo todo.

Segui as instruções dela e tutei: “Urgente: Acabei de ser preso pela polícia espanhola em Madri com um mandado de prisão da Interpol russa. Estou indo para a delegacia agora.”

Peguei minha mala e voltei até onde estavam os dois policiais que me aguardavam. Eu esperava ser formalmente preso, mas eles não se comportaram como os policiais de filmes. Não me algemaram, não me revistaram nem pegaram minhas coisas. Só me mandaram segui-los.

Descemos as escadas sem trocar nem uma palavra sequer. Os policiais se postaram atrás de mim enquanto eu fazia o check-out. Outros hóspedes ficavam boquiabertos ao entrar no saguão.

O gerente, atrás do balcão, quebrou o silêncio.

— O senhor quer deixar sua mala conosco, sr. Browder, enquanto esses homens o levam para a delegacia? Tenho certeza de que isso vai ser resolvido rapidamente.

Considerando tudo que sabia sobre Putin e a Rússia, eu tinha certeza de que não seria.

— Vou levar minhas coisas comigo, obrigado — respondi.

Eu me virei para os policiais, que se colocaram um na frente e o outro atrás de mim. Eles me levaram até a pequena viatura da Peugeot. Um deles pegou minha mala e a colocou no porta-malas; o outro me empurrou para o banco de trás.

A porta se fechou.

Uma divisória de acrílico grosso me separava dos policiais. O banco traseiro era duro como assentos plásticos de estádios. Não havia maçanetas e nenhum jeito de abrir as janelas. O interior fedia a suor e urina. O motorista ligou o carro enquanto o outro policial acendia as luzes e acionava as sirenes. Partimos.

Assim que as sirenes do carro começaram a tocar, sobreveio um pensamento aterrorizante. E se essas pessoas não fossem da polícia? E se eles tivessem conseguido uniformes e uma viatura para se passar por policiais?

E se, em vez da delegacia, me levassem para uma pista de decolagem e me colocassem em um avião particular com destino a Moscou?

Não era uma mera paranoia. Eu já tinha recebido dezenas de ameaças de morte. Inclusive, um funcionário do governo americano havia me avisado que estavam planejando uma rendição extrajudicial para mim anos antes.

Meu coração estava acelerado. Como eu sairia dessa? Comecei a temer que as pessoas não acreditassem no meu tuíte. Elas podiam pensar que minha conta fora hackeada ou que o tuíte era uma piada.

Felizmente, os policiais — ou quem quer que fossem — não pegaram meu celular.

Retirei o celular do bolso da jaqueta e bati uma foto disfarçadamente através da divisória de acrílico, capturando a parte de trás da cabeça dos policiais e o rádio da polícia em cima do painel. Tuitei a imagem no mesmo instante.

Se alguém tivesse duvidado da minha prisão antes, não duvidaria mais.

Meu telefone estava no silencioso, mas em poucos segundos sua luz se acendeu. Comecei a receber ligações de jornalistas de todos os lugares. Eu não podia atender, mas então meu advogado espanhol ligou. Eu *tinha* que avisar a ele o que estava acontecendo, por isso me abaixei atrás da divisória e coloquei a mão em concha no telefone.

— Fui preso — sussurrei. — Estou em uma viatura.

Os policiais me ouviram. O motorista jogou o carro para o acostamento. Os dois homens saltaram. Minha porta se abriu, e o policial maior me arrastou para a rua. Ele me apalpou agressivamente e confiscou meus dois celulares.

— Sem telefones! — gritou o oficial menor. — Preso!

— Advogado — falei para ele.



Bill Browder
@Billbrowder



In the back of the Spanish police car going to the station on the Russian arrest warrant. They won't tell me which station



8:36 am · 30 May 2018 · Twitter for iPhone

Tuíte de Bill Browder às 8h36, 30 de maio de 2018:

“No banco de trás da viatura espanhola, a caminho da delegacia por causa do mandado de prisão russo. Eles não me disseram para qual delegacia.”

— Sem advogado!

O maior me empurrou de volta para o carro e bateu a porta. Partimos de novo, percorrendo as ruas do centro histórico de Madri.

Sem advogado? Que diabo ele quis dizer com isso? Eu estava em um país da União Europeia. Com certeza eu tinha direito a um advogado.

Analisei as ruas, procurando algum sinal de delegacia. Nenhum. Tentei me convencer: *Isso não é um sequestro. Isso não é um sequestro. Isso não é um sequestro.* Mas, claro, talvez fosse.

Fizemos uma curva fechada e, de repente, ficamos retidos atrás de um caminhão estacionado em fila dupla. Quando o carro parou, entrei em pânico e procurei desesperadamente uma saída. Mas não havia nenhuma.

Por fim, o motorista do caminhão saiu de um prédio próximo, viu o farol da viatura piscando e manobrou o veículo para fora do caminho. Continuamos a serpentear pelas ruas estreitas por mais de quinze minutos. Quando chegamos a uma praça vazia, finalmente diminuímos a velocidade.

Paramos em frente a um prédio comercial sem identificação. Não havia pessoas e nenhum sinal de que aquilo era uma delegacia. Os policiais saíram do carro e, parados lado a lado, me mandaram sair.

— O que viemos fazer aqui? — perguntei quando me levantei.

— Exame médico! — gritou o oficial menor.

Exame médico ao ser preso? Eu nunca tinha ouvido falar sobre isso.

Uma camada de suor frio se formou em minhas mãos. Os pelos da nuca se arrepiaram.

De jeito nenhum eu ia entrar por vontade própria em um prédio suspeito para fazer sei lá que exame. Se aquilo fosse *mesmo* um sequestro, e eu estava começando a acreditar que era, dava para imaginar o que havia lá dentro: uma sala branca com uma maca de aço, uma mesinha com várias seringas e homens russos usando ternos baratos. Quando eu estivesse lá, alguém injetaria algo em mim. E eu ia acordar em uma prisão de Moscou. Minha vida estaria acabada.

— Sem exame médico! — falei com vigor.

Carrei os punhos ao ser tomado pelo instinto de defesa — era lutar ou correr. Eu não brigava desde o nono ano, quando eu era a menor criança de um internato em Steamboat Springs, Colorado, mas de repente eu estava pronto para uma luta contra aqueles homens, tudo isso para evitar um sequestro.

Mas, naquele momento, algo mudou no comportamento deles. Um dos policiais se aproximou muito de mim enquanto o outro fazia uma ligação desesperada no celular. Ele falou ao telefone por uns minutos e, depois de desligar, digitou alguma coisa. Então me mostrou. Google Tradutor: “Exames médicos são o protocolo.”

— Mentira. Quero meu advogado. Agora!

O que estava ao meu lado repetiu de um jeito seco:

— Sem advogado.

Eu me apoiei no carro e plantei os pés à minha frente. O que estava com o celular fez outra ligação e depois retrucou alguma coisa em espanhol. Antes que eu percebesse, a porta do carro se abriu e fui empurrado de volta para o banco.

Eles ligaram as luzes e as sirenes de novo. Seguimos por uma direção diferente e saímos da praça. Logo estávamos presos de novo no trânsito, desta vez em frente ao Palácio Real, em meio a um aglomerado de ônibus de excursão e de crianças em idade escolar. Fosse eu sequestrado ou preso, o mundo estava alheio a isso, aproveitando o dia de turismo.

Dez minutos depois, entramos em uma rua estreita repleta de viaturas. Uma placa azul-escura com o dizer *Policía* se destacava sobre as pedras e os tijolos vermelhos da lateral de um prédio desgastado.

Então eles eram policiais *de verdade*. Eu estava de fato sob a tutela de um sistema jurídico europeu, e não nas mãos de sequestradores russos. No mínimo, eu teria direito a um processo antes de qualquer possibilidade de ser extraditado para Moscou.

Os policiais me tiraram do carro e me conduziram para dentro do prédio. Havia um ar palpável de empolgação na delegacia. Do ponto de vista da polícia, eles tinham rastreado e prendido um fugitivo internacional procurado pela Interpol, e isso não é coisa que aconteça todos os dias naquela pequena delegacia no centro de Madri.

Eles me deixaram na sala de registro e colocaram minha mala num canto. Meus celulares foram colocados na mesa, virados para baixo. Um dos policiais que me prendeu ordenou que eu não tocasse em nada. Era difícil. Os aparelhos zumbiam e brilhavam com mensagens, tuítes e ligações não atendidas. Fiquei aliviado ao ver que minha situação estava recebendo tanta atenção.

Enquanto eu estava sentado ali sozinho, caiu a ficha sobre a gravidade do caso. Posso não ter sido sequestrado, mas eu estava no sistema de justiça criminal da Espanha por causa de um mandado de prisão russo. Havia anos que eu me preparava para aquele momento. Eu fora treinado para entender como o processo funcionaria. O país que me prendesse ligaria para Moscou e diria: “Pegamos seu fugitivo. O que vocês querem que façamos com ele?” A Rússia responderia: “Extraditem-no.” A Rússia teria 45 dias para submeter um pedido formal de extradição. Eu teria trinta dias para responder, e os russos teriam mais trinta dias para replicar.

Com os inevitáveis atrasos, eu previa pelo menos seis meses em uma sufocante prisão espanhola antes de ser libertado ou enviado para a Rússia.

Pensei na minha filha de 12 anos, Jessica. Uma semana antes, tínhamos feito uma viagem de pai e filha, prometida havia muito tempo, para Cotswolds, na Inglaterra. Pensei na minha filha de 10 anos, Veronica, a quem eu havia prometido uma viagem semelhante, mas agora poderia demorar muito tempo para isso acontecer. Pensei no meu filho mais velho, David, que já se sustentava sozinho como calouro em Stanford. Ele havia lidado muito bem com todos os meus problemas com a Rússia, mas eu tinha certeza de que ele estava acompanhando aquela provação no Twitter, cheio de preocupação.

Pensei na minha esposa e no que ela devia estar sentindo naquele momento.

Vinte longos minutos depois, uma jovem entrou na sala e se sentou ao meu lado.

— Sou a tradutora — disse ela em um inglês sem sotaque espanhol.

— Quando é que vou poder falar com meu advogado? — indaguei.

— Desculpe, sou apenas a tradutora. Eu só queria me apresentar.

Ela se levantou e foi embora. Nem disse o próprio nome.

Mais dez minutos se passaram antes que ela voltasse com um oficial que parecia ter um cargo mais alto. Ele ficou perto de mim e apresentou minha ficha de acusação em inglês. De acordo com a legislação da União Europeia, qualquer pessoa ao ser presa deve ouvir as acusações em seu idioma nativo.

Eu me inclinei sobre o papel. Era tudo padronizado, exceto por um espacinho para os crimes que eu supostamente tinha cometido. A única palavra ali era “Fraude”. Mais nada.

Eu me recostei. A cadeira de madeira rangeu. Olhei para o oficial e a tradutora. Eles esperavam alguma reação, mas os russos me acusavam de crimes muito mais graves havia tanto tempo que a acusação única de “Fraude” quase não teve impacto. Fiquei surpreso por terem começado com tão pouco.

Mais uma vez, perguntei se podia falar com meu advogado. A tradutora respondeu:

— No momento adequado.

Naquele instante, houve uma comoção no corredor. Um policial que eu ainda não tinha visto irrompeu em uma sala adjacente, repleta de pessoas uniformi-

zadas. A porta bateu. O oficial e a tradutora que estavam comigo se entreolharam e depois desapareceram, me deixando sozinho de novo.

Cinco minutos depois, a porta que dava para a sala cheia de policiais se abriu. As pessoas jorraram lá de dentro. Chamei a tradutora, que entrou na minha sala.

— O que está acontecendo? — implorei.

Ela me ignorou e foi embora.

Alguns minutos depois, o policial mais graduado que tinha lido a ficha de acusação voltou para a sala, com a tradutora a tiracolo, ambos de cabeça baixa. Ele disse alguma coisa para ela em espanhol, e ela se virou para mim e disse:

— Sr. Browder, o Secretariado-Geral da Interpol em Lyon acaba de nos enviar uma mensagem com uma ordem de soltura. O mandado não é válido.

Meu ânimo melhorou. Meu celular tocou. Eu me levantei.

— Posso usar meu celular agora?

— *Sí*.

Não precisei de tradução para isso.

Peguei a ficha de acusação e meus celulares. Tinha 178 chamadas perdidas. Havia uma mensagem do secretário de Relações Exteriores britânico, Boris Johnson, pedindo que eu ligasse o mais rápido possível. Todos os meios de comunicação — ABC, Sky News, BBC, CNN, *Time*, *Washington Post* — queriam saber o que estava acontecendo, assim como Elena, David e amigos de todo o mundo, incluindo vários na Rússia. Mandeí uma mensagem para Elena dizendo que eu estava bem e que ligaria para ela em breve. Fiz o mesmo com David e meus colegas do escritório em Londres.

Fui para o saguão da delegacia. O clima tinha mudado. Eles acreditaram que haviam capturado um novo Carlos, o Chacal, mas eu estava prestes a sair dali.

Finalmente consegui falar com meu advogado espanhol. Enquanto eu estava na delegacia, ele ligou para todo mundo que conhecia na polícia espanhola, mas não teve sucesso.

O que me salvou foi o Twitter. Meus tuítes geraram centenas de telefonemas para a Interpol e as autoridades espanholas, que logo perceberam a confusão em que tinham se metido.

Quando saí da delegacia, os policiais que me prenderam vieram acanhados até mim com a tradutora.

— Eles querem que você exclua o tuíte com a foto deles. Pode ser? — perguntou ela.

— Vou infringir alguma lei se não fizer isso?

Ela traduziu. Os policiais deram de ombros.

— Então não vou apagar.

O tuíte está lá até hoje.

Eles me ofereceram uma carona até o hotel.

Eu dei uma risadinha.

— Não, obrigado. Essa confusão toda me deixou 45 minutos atrasado para uma reunião com José Grinda.

Quando eles ouviram o nome, ficaram pálidos. Praticamente se ajoelharam para me oferecer uma carona até o escritório de Grinda.

Aceitei. Desta vez, fomos em um carro muito mais bacana.

Menos de meia hora depois, chegamos ao escritório do procurador. Fui recebido no saguão pelo próprio Grinda. Ele pediu muitas desculpas, arrasado por eu ter sido preso por seus colegas devido a ordens de criminosos russos, justamente quando me convidou para ir a Madri a fim de entregar provas contra esses mesmos criminosos.

Ele me levou ao seu escritório, onde contei a história de Sergei Magnitsky, meu advogado russo, o que eu já tinha feito muitas vezes. Expliquei que, em 2008, Sergei fora raptado por oficiais corruptos da Rússia e, por fim, assassinado na prisão por ser meu aliado. Falei das pessoas que mataram Sergei e lucraram 230 milhões de dólares com o esquema fraudulento de restituição de impostos que ele tinha denunciado. Expliquei que parte desse dinheiro fora usado para comprar propriedades na Riviera Espanhola — cerca de 33 milhões de dólares.

Pelo brilho nos olhos do procurador Grinda, dava para ver que ele levaria a sério o que eu estava dizendo. Quando a reunião terminou, me senti confiante de que tínhamos conquistado outro aliado no Ocidente — e que a Rússia de Putin havia perdido mais alguns fragmentos de sua credibilidade em ruína.

Na década de 2000, Bill Browder estabelece na Rússia sua empresa de investimentos e acaba deparando com um enraizado sistema de corrupção entre o governo e os antigos oligarcas do país. Suas denúncias expõem o roubo de bilhões de dólares, mas as autoridades russas acusam Browder e seu advogado, Sergei Magnitsky, de serem os responsáveis pelo esquema fraudulento. Tempos depois, Magnitsky é espancado até a morte após um ano de maus-tratos em um presídio de Moscou.

Browder, então, começa uma batalha para identificar e punir os mandantes do assassinato. Enquanto segue o rastro dos valores enviados da Rússia em um esquema de lavagem de dinheiro internacional, ele parte em uma campanha mundial para aprovar a Lei Magnitsky, capaz de bloquear os bens dos envolvidos em crimes contra os direitos humanos. Nessa jornada, desperta a fúria de Vladimir Putin, apontado como um dos beneficiários da fraude. Com jogadas de mestre, Browder enfrenta agentes contratados para persegui-lo mundo afora, sofre com o assassinato de aliados e encara os grandes advogados e políticos ocidentais que tentam impedir seu progresso na luta contra a corrupção russa.

Ordem de bloqueio é ao mesmo tempo uma história real de crime financeiro, uma aventura de espionagem internacional e um apelo por justiça. Acima de tudo, é um lembrete urgente do mal causado pelo poder nas mãos erradas.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1184/>